UCRÂNIA

ONU denuncia execuções

Missão de Monitoramento dos Direitos Humanos acusa tropas de Kiev e de Moscou de dezenas de assassinatos sumários de prisioneiros de guerra. Crimes teriam ocorrido imediatamente depois da captura, no front

Aris Messinis/AFP



Militar ucraniano ferido faz o sinal de vitória ao ser socorrido, na linha de frente, perto de Bakhmut, no leste do país

A Organização das Nações Unidas (ONU) acusou, ontem, as forças ucranianas e russas de terem cometido dezenas de execuções sumárias de prisioneiros de guerra desde o início da invasão russa à Ucrânia. "Estamos profundamente preocupados com a execução sumária de até 25 prisioneiros de guerra e pessoas fora do combate russas", assim como pelos "15 prisioneiros de guerra ucranianos", disse a chefe da Missão de Monitoramento dos Direitos Humanos na Ucrânia, Matilda Bogner.

De acordo com ela, as execuções de russos pelas Forças Armadas ucranianas foram cometidas, "com frequência, imediatamente depois da captura no campo de batalha". A ONU está ciente de cinco investigações em Kiev sobre 22 vítimas, mas "não sabemos se os perpetradores foram processados", afirmou Bogner. As 15 execuções documentadas de prisioneiros de guerra ucranianos também foram realizadas "logo após sua captura" — 11 pelas mãos da milícia paramilitar russa Wagner, acrescentou.

Desde o início da invasão russa da Ucrânia em fevereiro de 2022, Kiev e Moscou se acusam mutuamente de cometerem maus-tratos contra os prisioneiros. Em um relatório, a Missão de Monitoramento afirmou que membros das Forças Armadas ucranianas ameaçaram de morte, ou de violência social, prisioneiros de guerra russos e fizeram simulações de execuções — em vários casos, como forma de "represália". "Algumas vezes, oficiais agrediram os prisioneiros de guerra, dizendo a eles: 'Isto é por Bucha'", observou a missão, referindo-se a uma cidade perto de Kiev, onde as forças russas foram acusadas de cometer atrocidades.

"Antes do interrogatório, eles me mostraram um cabo de machado coberto de sangue como advertência", relatou um prisioneiro de guerra russo citado no relatório, que disse ter sido torturado com choques elétricos. O relatório também denuncia os maus-tratos infligidos aos prisioneiros de guerra ucranianos, como tortura, negação de atendimento médico, eventualmente levando à morte, violência sexual e privação de água e comida.

Os prisioneiros de guerra ucranianos declararam também que foram torturados e maltratados para obter informações, ou como punição. Descreveram agressões com pás, facadas, descargas elétricas e estrangulamentos. "Alguns perderam dentes, ou dedos, tiveram costelas, dedos, ou narizes, quebrados", enumera o relatório. Em novembro, o Kremlin ficou indignado com dois vídeos que mostravam a suposta execução de uma dezena de soldados russos que tinham acabado de se render às forças ucranianas.

O comissário dos direitos humanos do Parlamento ucraniano, Dmytro Lubinets, disse, pelo Telegram, estar "surpreso" com as acusações contra as tropas ucranianas e afirmou que não havia sido informado com antecedência. Sem negar diretamente as supostas violações atribuídas às forças ucranianas, Lubinets afirmou que queria "ter conhecimento dos fatos e argumentos indiscutíveis nos quais se baseiam as conclusões" do relatório da ONU.

China

O presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, afirmou que acredita que a China não enviou armas à Rússia desde o início da invasão da Ucrânia. "Não considero a China levianamente. Não considero a Rússia levianamente", disse Biden durante uma visita ao Canadá. "Ouvi nos últimos três meses que a China forneceria armas significativas para a Rússia. (...) Eles não o fizeram até agora. Isso não significa que não o farão, mas não o fizeram ainda."

SAARA OCIDENTAL

Frente Polisário busca reconhecimento do Brasil

» RODRIGO CRAVEIRO

Há quatro décadas, o embaixador Ahamed Mulay Ali Hamadi não vê a família, que vive na parte ocupada pelo Marrocos de Saara Ocidental — também conhecida como República Árabe Saaraui Democrática —, no extremo noroeste do continente africano. "Meu pai e minha irmã faleceram. Minha mãe e meu irmão estão lá. Creio que não as verei mais", lamentou o representante da Frente Polisário no Brasil, durante visita ao **Correio**.

"O povo saaraui vive dividido. Há um muro de 2.270km que corta o Estado saaraui pelo meio. Lutamos para liberar a parte que está ocupada", acrescentou. Desde 2020, o país trava uma guerra com o Marrocos por sua autodeterminação. A ocupação, no entanto, é bem mais antiga: em outubro de 1975, a antiga colônia espanhola foi invadida pelo Marrocos, de olho na riqueza pesqueira, no fosfato, nos indícios de petróleo e ouro, e na água.

"Nós nos sentimos um pouco abandonados pela comunidade internacional, que apenas se interessa quando há sangue e mortes. Desde 1991, quando se formou um plano de paz, até 2020, ninguém se moveu a obrigar o Marrocos a cumprir com o prometido. Por isso, regressamos às armas", disse Ali Hamadi. Na zona ocupada e murada de Saara Ocidental, o número de desaparecidos chega a 700 — a maior parte formada por mulheres. "Queremos que a opinião pública brasileira conheça a nossa luta. O Brasil apoia a nossa autodeterminação, mas esperamos que dê um passo a mais. Que reconheça a República Árabe Saaraui Democrática oficialmente e nos permita abrir uma embaixada. O México instalou uma embaixada em 1971; o Panamá, em 1977. Equador, Colômbia, Venezuela e Bolívia têm embaixadas", acrescentou.

De acordo com Ali Hamadi, a Frente Polisário insiste na aplicação da Carta das Nações Unidas no Saara Ocidental, o único país árabe hispânico. "Nosso povo quer a autodeterminação. Pretendemos realizar um plebiscito para perguntar aos saarauis se querem a autonomia ou a independência, ou se querem retornar ao território marroquino ou à colonização espanhola. O povo saaraui é quem tem que decidir. Buscamos a solidariedade e o reconhecimento daqueles que ainda não o fizeram", desabafou o embaixador. Mais de 80 países já reconheceram o Saara Ocidental, que é membro fundador da União Africana. "Conclamo a comunidade internacional a prestar atenção para a situação dos direitos humanos na área ocupada por Marrocos."

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



Ahamed Mulay Ali Hamadi: busca de reconhecimento gobal

Conexão diplomática



por Silvio Queiroz
silvioqueiroz.df@gmail.com

A Grande Muralha pode ficar estreita

Na antessala do embarque do presidente Lula para a China, com a vasta comitiva de políticos e empresários formada para acompanhá-lo, não faltaram indicativos de uma agenda político-diplomática densa. Isso, ainda que a viagem tivesse de ser remarcada, em função da saúde do presidente — até quando fechei o texto, a previsão era de partida neste domingo.

De saída, o anfitrião, Xi Jinping, vem de uma pomposa visita de Estado a Moscou, na qual reafirmou coincidências e afinidades com o colega russo, Vladimir Putin. Em particular, na contraposição ao que classificam como "pretensões hegemonistas" dos EUA.

Ainda nos últimos dias, passou quase despercebida a notícia de um incidente entre navios de guerra chineses e americanos próximo às ilhas Paracel, objeto de múltipla disputa territorial no Mar do Sul da China. Embora breve e sem desdobramentos imediatos, o episódio lembra, uma vez mais, que Washington e Pequim vivem um período o qual a direção principal das relações bilaterais é o da rivalidade, com ensaios de confronto. O diagnóstico inclui, naturalmente, a esfera econômica e comercial — esta, aliás, definida como de uma "guerra" nos quatro anos em que Donald Trump ocupou a Casa Branca.

O presidente brasileiro completará em Pequim a terceira visita de intereresse estratégico para a política externa. Começou pela Argentina, seguiu com os EUA e, agora, desembarca com 240 empresários no maior parceiro comercial do país. Negócios à parte, porém, e mesmo em nome deles, não terá como contornar de todo a questão dos alinhamentos geopolíticos.

Até mesmo a Grande Muralha da China, visível da órbita da Terra, pode ficar estreita para exercícios de equilibrismo.

Terceira via

Nesse terreno, o prato principal das conversas entre Lula e Xi, agora ou mais adiante, será, naturalmente, a Ucrânia. Na visita à Rússia, o presidente chinês reapresentou seu plano de paz de 12 pontos, que tem como objetivo inicial a cessação de hostilidades e a abertura de diálogo direto entre Moscou e Kiev. A proposta fala em "respeito à soberania e à integridade territorial" das partes, mas não caracteriza Putin como agressor, nem menciona a retirada das tropas russas das áreas ocupadas em um ano de guerra.

Em votação recente na Assembleia Geral da ONU, assim como em declarações públicas, tanto Lula quanto o chanceler Mauro Vieira, assim como o assessor especial Celso Amorim, indicaram um alinhamento mais próximo aos EUA e à Otan — que voltaram a reagir com frieza aos sinais emitidos de Moscou pelos dois parceiros do Brasil no Brics.

A ideia de um "clube da paz", a ser formado por países "equidistantes" das partes em conflito, se apresenta a cada dia mais parecida com uma reedição da terceira via ensaiada na disputa pelo Planalto — com fracasso de público e crítica.

Códigos múltiplos

Para uma leitura mais profunda e abrangente dos movimentos em curso no tabuleiro geopolítico global, as entrelinhas e os interstícios da passagem de Xi por Moscou são ricos de sinais em múltiplos códigos. A cobertura oferecida pela mídia ocidental de maior alcance concentrou-se, como seria de esperar, na análise do teor das declarações e comunicados, no seu sentido político.

Os vídeos da chancelaria russa, com a integra das falas públicas dos dois presidentes nos encontros que mantiveram, expõem outras camadas da mensagem. A escolha das palavras é especialmente importante na linguagem diplomática, e muitas vezes elas têm como endereço principal não exatamente o interlocutor a quem se dirigem no momento, mas quem observa a distância.

Putin e o colega chinês abusaram de expressões como "querido presidente", "potências vizinhas e amigas", assim como repetiram exaustivamente "hegemonismo", "unilateralismo", "ordem multipolar" e "vantagens mútuas". No que se poderia chamar de "linguagem de corpo", chamou a atenção a proximidade ostensiva entre anfitrião e visitante, sempre praticamente ao alcance de um toque de mãos.

Nas semanas que antecederam a invasão da Ucrânia, Putin recebeu no Kremlin o presidente da França, Emmanuel Macron, e o chanceler da Alemanha, Olaf Scholz. Em nome de precauções quanto à covid-19, ambos conversaram com o governante russo separados pelos 6m de extensão de uma mesa de trabalho — cada qual sentado a uma das cabeceiras.

Nos próximos dias, ou talvez mais tarde, será a vez de Xi receber Lula em visita de Estado. Novamente, o texto oficial puro e simples e o protocolo seguido contarão apenas uma esfera da interação mantida.

Nem um, nem outro

Coincidindo com a sucessão de frições e escaramuças entre as duas maiores potências econômicas, uma pesquisa do instituto americano Pew Research Center, renomado pelo acompanhamento qualitativo e de fundo dos movimentos da opinião pública, indica que os jovens na Europa se veem desconfortáveis, aprisionados na bipolaridade entre EUA e China. O sentimento ressoa ao que transpirava no período final da Guerra Fria entre EUA e União Soviética, nas últimas décadas do século 20.

O estudo foi conduzido na Alemanha, França e Reino Unido com entrevistados de idade entre 18 e 29 anos. "Nos três países, entre quatro agrupamentos ideológicos, eles se mostraram firmes na convicção de que os EUA agem como a polícia do mundo", concluíram os autores. Quanto à China, o relatório final cita uma participante, britânica: "São muito bons para vender commodities, mas só fazem besteira nos direitos humanos".